



## A espiritualidade de Francisco de Sales e o acompanhamento espiritual



<https://doi.org/10.56238/levv15n39-072>

**Agnaldo Costa Junior**

Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo

E-mail: [agnaldocj@gmail.com](mailto:agnaldocj@gmail.com)

---

### RESUMO

O presente estudo apresenta as contribuições de Francisco de Sales sobre o tema do acompanhamento espiritual. O trabalho se desenvolve a partir do conceito de acompanhamento espiritual como amizade, entendendo-o como uma prática respeitadora da autonomia do sujeito acompanhado. Advém daí, então, que a visão do ser humano deve ser integral, no sentido que exista uma preocupação com o aspecto intelectual, humano e espiritual. O caminho que parece mais adequado e que se segue para esta análise é temático. Este trabalho permitirá situar a prática salesiana do acompanhamento espiritual como serviço a pessoa humana. Ao mesmo tempo, espera-se explicitar que a espiritualidade salesiana é uma experiência aberta para todos, experimentando o “Deus do coração humano”.

**Palavras-chave:** Espiritualidade Cristã, Acompanhamento Espiritual, Francisco de Sales, Salesianidade.



## 1 INTRODUÇÃO

Para chegar à perfeição cristã, que é o amor efetivo de Deus, ou seja, a execução fácil, habitual e rápida da sua vontade, não é bom querer passar sem apoio. A busca da santidade cristã não deve ser um empreendimento solitário: é o fruto da colaboração. Em suma, não será bom confiar o cuidado espiritual a um acompanhador? E que acompanhador deve ser escolhido?

Segundo Strus (2012, p. 774), “a condição prévia é a escolha do diretor espiritual que São Francisco de Sales dá a Filoteia: ‘escolha um dentre mil, diz d’Ávila, eu te digo: um dentre dez mil, [...]. Ele deve ser cheio de caridade, de ciência e de prudência””. Francisco de Sales não é apenas um dos notáveis do acompanhamento espiritual (COSTA, 2015, 5), ele é também um dos seus primeiros teóricos e, poder-se-ia dizer, um dos seus fundadores. Não há dúvida de que em todos os períodos da história, o acompanhamento espiritual tem sido praticado de várias formas no cristianismo. As cartas de São Jerônimo a Santa Paula, as de Santo Agostinho às mulheres do mundo, às viúvas, às virgens, e mais tarde as de São Bernardo, são suficientes para o provar<sup>1</sup>.

Certamente, na época em que apareceu Francisco de Sales, a prática do acompanhamento espiritual ainda não era difundida fora dos mosteiros. Na ocasião em que ficou viúva, Madame de Chantal, que morava há muito tempo em Dijon, nunca tinha ouvido falar de um acompanhador ou acompanhamento espiritual. Seria preciso o prodigioso sucesso da “Introdução à Vida Devota” e da sua distribuição por todo o mundo, para que o recurso a um guia qualificado, responsável por acompanhar quotidianamente o caminho do cristão, fosse definitivamente acreditado no mundo leigo. Segundo Lajeunie (1966, p. 226), Francisco de Sales vai popularizar a arte do acompanhamento espiritual no mundo.

Este artigo se propõe a abordar o tema do acompanhamento espiritual em Francisco de Sales, tal como se abordaria em qualquer grande representante da espiritualidade cristã. Mas, como se verá, logo as particularidades do bispo de Genebra começar a se evidenciar, e o tema clássico, pode se dizer, do acompanhamento espiritual vai ganhando contornos muito próprios. Para isso, pretende focalizar explicitamente o conhecimento da espiritualidade salesiana.

## 2 O ACOMPANHAMENTO ESPIRITUAL, UMA VERDADEIRA AMIZADE

Poucos ensinamentos foram dados por Francisco de Sales, de fato, com mais vigor e solenidade do que a escolha de um acompanhador espiritual em sua busca de santidade. Um dos capítulos mais importantes da “Introdução” é o que trata da necessidade de um acompanhador para entrar e progredir

---

<sup>1</sup> Para uma introdução à história do acompanhamento espiritual, ver FIROLAMO, G. VOL. I. **Storia della Direzione Spirituale** – Età antica – G. Firolamo (org.), Morcelliana, Brescia 2006.

\_\_\_\_\_. VOL. II **Storia della Direzione Spirituale** - Età medievale – G. Firolamo (org.), A cura di Sophia Boesch Gajano. Morcelliana, Brescia 2010.

\_\_\_\_\_. VOL. III **Storia della Direzione Spirituale** – Età moderna – G. Firolamo (org.). A cura di Gabriella Zarri. Morcelliana, Brescia 2008.

na vida espiritual cristã. Francisco de Sales parece querer deixar isto claro desde o início, dizendo que esta é “a advertências das advertências” na vida espiritual (COSTA, 2015, p.12). Releiamos primeiro o ensinamento categórico do autor da “Introdução” sobre o ponto que nos interessa. Francisco de Sales considera:

Quando o jovem Tobias foi mandado a Rages por seu pai, disse: Não sei o caminho. Vai, pois, replicou o pai, e procura um homem que te guie. O mesmo te digo eu, Filoteia: queres seguir com segurança pelo caminho da devoção? Busca algum homem de virtude que te guie e encaminhe. É esta a advertência das advertências: por mais que vos esforceis, diz o piedoso Ávila, nunca encontrarei tão seguramente a vontade de Deus como metendo pelo caminho desta humilde obediência, tão encomendada e praticada por todos os antigos devotos (SALES, 1893, p. 22).

Parece-lhe necessário recorrer a um acompanhador espiritual para percorrer o caminho que leva à perfeição do amor. Em suma, não se pode ter uma visão perfeitamente clara de nós próprios. Não podemos ser juízes imparciais na nossa própria causa. Segundo Tietz (1995, p. 529), num dos primeiros capítulos da sua “Introdução à Vida Devota”, Francisco de Sales esforça-se por convencer os seus leitores da necessidade de um condutor (ou seja, um acompanhador espiritual) para entrar e progredir na devoção.

A utilidade do acompanhador espiritual, na opinião de Francisco de Sales, não está apenas na sua qualidade de observador, de árbitro com um juízo claro, mas também na sua qualidade de amigo e confidente (cf. SCATTIGNO, 2008). O bispo de Genebra conhece o valor psicológico de uma presença amada, querida, próxima, que, pela sua própria existência, é uma força de cura e progresso espiritual.

Ele discerniu o benefício de uma presença amiga. Assim como um guia e um mestre, o acompanhador é para ele o amigo sempre atento cujo olhar apoia e fortalece. Depois de dar o exemplo de Tobias e de o mostrar no acompanhamento como que “guie e encaminhe”, logo se refere a ele como um amigo:

O amigo fiel, diz a Santa Escritura, “é uma proteção forte; aquele que o encontrou, encontrou um tesouro. O amigo fiel é um medicamento de vida e de imortalidade; os que temem a Deus encontram-no” (Eclo 6,14-16). Estas palavras divinas, como vês, dizem respeito sobretudo à imortalidade, para a qual principalmente precisamos ter esse amigo fiel, que com os seus avisos e conselhos guie e governe as nossas ações, e assim nos livre das ciladas e enganos do inimigo maligno (SALES, 1893, p. 24).

A partir deste texto, onde o acompanhador nos é apresentado como amigo e consolador, a prática do acompanhamento espiritual lhe parece dotada de todos os atributos da amizade, aos quais devem ser acrescentados os que possui por direito próprio. Esta noção de amigo, aplicada ao acompanhador espiritual, é tão cara a Francisco de Sales que a enfatiza com complacência visível:



Mas quem achará esse amigo? O Sábio responde: “Aqueles que temem a Deus”, isto é, os humildes que desejam de fato o seu progresso espiritual. E porque tanto te importa e interessa, Filoteia, fazer com um bom guia essa santa jornada da devoção, pede a Deus com muito encarecimento que te dê um que seja segundo o seu coração, e não duvides “(SALES, 1893, p. 24).

Para que a amizade produza todos os seus efeitos benéficos sobre nós, a escolha do amigo deve basear-se na sua excelência. O bispo de Genebra quer que o acompanhador não só seja amado, mas também venerado. Ele quer que o escolhamos entre mil e até dez mil, numa palavra, que seja verdadeiramente como o guia de Tobias, mais do que um homem: um Anjo. A esse respeito, Francisco de Sales considera:

Ora, esse guia deve ser sempre para ti um Anjo; quer dizer, quando o encontrares, não o consideres como um simples homem, [...] e por isso debes escutá-lo como a um Anjo, que desce do Céu para ao Céu te levar. Trata com ele com o coração nas mãos, com toda a franqueza e fidelidade, [...]. Deposita nele uma extrema e desvelada confiança entremeada de sagrada reverência, de sorte que nem a reverência prejudique e esfrie a confiança, nem a confiança entrave a reverência; confia nele com o respeito de uma filha para com seu pai, respeita-o com a confiança de um filho em sua mãe. Em suma, esta amizade deve ser forte e suave, toda santa, toda sagrada, toda divina e toda espiritual (SALES, 1893. pp. 24-25).

Desta forma, a prática do acompanhamento espiritual, mantida ao nível da amizade, mas reforçada e temperada com reverência filial, assume um elevado valor educativo, ou seja, uma pedagogia da fé rumo à santidade. Segundo Lajeunie (1966, p. 228), “a direção não é outra coisa que uma pedagogia espiritual”. Partindo daí, adentremos aos tópicos que transitarão por esse atraente entrelaçamento: acompanhamento espiritual e a liberdade do amor.

### **3 O ACOMPANHADOR ESPIRITUAL E AUTONOMIA DO SUJEITO ACOMPANHADO**

Para Francisco de Sales, a busca da santidade não é uma simples combinação de práticas, recitações e observâncias. Não se aplica do exterior como vestuário. É um jorrar de primavera, é o florescimento de uma vitalidade interna. A missão do acompanhador espiritual só pode ser, portanto, mantê-lo e encorajá-lo, não o criar (SALES, 1895, pp. 151-152). Isto significa claramente que cada um de nós deve fazer o seu próprio caminho espiritual. O acompanhador só está presente para nos esclarecer e ajudar. Cabe-nos a nós tomar e manter a iniciativa no caminho rumo à santidade cristã.

Outros podem ter concebido o acompanhamento espiritual como a moldagem de uma cera macia. Mas, Francisco de Sales conceberá sempre como o cultivo de um germe dotado de uma vida própria e autônoma. Em muitas ocasiões, utilizou deliberadamente o termo “planta” para designar a pessoa que deve ser acompanhada. Utiliza-o numa instrução escrita à abadessa do Puits d'Orbe para a reforma do seu mosteiro. Nas palavras de Francisco de Sales: “Cuidar das plantas jovens que lá se encontram e inspirá-las com o espírito de obediência” (SALES, 1902, p. 337). Esta orientação de uma prática de acompanhamento respeitadora da liberdade é admiravelmente formulada na longa carta que

dirigiu em 9 de outubro de 1604 à abadessa de Puits-d'Orbe, ensinando-lhe a arte de reformar amavelmente o seu mosteiro. Segundo Francisco de Sales:

Quanto à formação da tua casa, minha querida Filha, debes ter muito cuidado para não dar qualquer arma de desejo de reforma: pois isto faria com que todos os espíritos coceguentos levantassem os braços contra ti e reinasse. Sabe o que fazer? Eles devem reformar-se sob a sua orientação, e ligar-se à obediência e à pobreza. Mas como? [...] Não deve dar qualquer alerta sobre isto, mas levá-los a isso através de inspirações suaves e suaves (SALES, 1902, p. 336-338).

Este é o princípio que orienta e domina toda a sua prática de acompanhamento: levar as pessoas a reformarem-se, e evitar os acentos autoritários que despertam o instinto de rebelião. O bispo de Genebra recorda este princípio a qualquer pessoa com autoridade espiritual e considera o que segue:

Certamente, aquele que à viva força abrisse a boca a um amigo, lhe metesse a comida na goela e lha fizesse engolir, não lhe daria um festim de cortesia, mas o trataria como animal, e como um capão que se quer engordar. Esta espécie de benefício quer ser oferecido por convites, admoestações e solicitações, e não violenta e forçadamente exercido. É por isso que ele se faz à maneira de desejo, e não de querer absoluto (SALES, 1894b, p. 66).

O ideal do acompanhador salesiano é fazer pessoas fortes que possam ficar de pé e, portanto, trabalhar para se tornarem responsáveis de seu progresso espiritual. Portanto, a busca espiritual da Filoteia deve ser o trabalho da Filoteia. A educação espiritual não é uma formação despótica.

Assim que começou o acompanhamento espiritual de Madame de Chantal, comprometeu-se conduzi-la no caminho da liberdade. Foi para ela que escreveu esta admirável instrução na qual a obediência é colocada por ele ao serviço da liberdade. Há duas linhas desta instrução que devem ser sempre tidas em conta se quisermos compreender o seu pensamento sobre a acompanhamento espiritual. Dessa forma, Francisco de Sales concebe que “[...] tudo deve ser feito por amor e nada à força; deve-se amar a obediência mais do que temer a desobediência. Deixo-lhe o espírito de liberdade, não aquele que exclui a obediência, porque ele é liberdade da carne, mas aquele que exclui a coação e o escrúpulo ou a agitação imoderada” (SALES, 1902, p. 359). Assim, a liberdade tem precedência sobre a obediência. É mesmo o objeto da obediência. A educação à liberdade é fundamental, porque só quem é livre pode iniciar o itinerário da perfeição cristã.

A grande regra salesiana de acompanhamento espiritual é a que o santo de Annecy formulou para o bispo André Fremyot na sua instrução sobre a pregação: “Estes são métodos suficientes para começar; pois após um pouco de prática fará outros que serão adequados e melhores para si” (SALES, 1902, p. 319). Intervenção, regulamentação, ou seja, no início e para as linhas principais. Mas depois, em detalhe, iniciativa e liberdade. Dirigindo-se à Madame de Chantal um pequeno método para praticar a vontade de Deus durante as suas caminhadas, ele explica: “Já quase disse o que é necessário, mas acrescento que tendo feito este exercício duas ou três vezes desta forma, é possível encurtá-lo,

diversificá-lo e acomodá-lo como achar melhor” (SALES, 1904, p. 362). Noutra ocasião, tendo-lhe dado um opúsculo sobre piedade, escreveu-lhe: “Elaborei-o não para si, mas para muitos outros; no entanto, verá como o pode fazer valer para si (SALES, 1902. p. 266). A parte da autoeducação é assim sempre reservada.

A respeito da pedagogia salesiana na acompanhamento espiritual temos, numa página improvisada onde o pensamento vivo às vezes se desprende da sintaxe, o esboço de um método pedagógico que Francisco de Sales aplicará, por assim dizer, constantemente em seu acompanhamento. E depois de alguns conselhos especiais sobre pobreza e castidade, regressa ao preceito que domina tudo:

Mas, no entanto, não se deve alarmar de tudo isto, mas levá-los a isso por inspirações doces e suaves, às quais também os livros acima mencionados servirão [...]. Quando encontrar dificuldades e contradições, não tente quebrá-las, mas dobrá-las com destreza e curvá-las, com mansidão e tempo, e se não estiverem prontos, tenha paciência, e avance o mais que puder com os outros. Não testemunhe querer vencer; desculpe o inconveniente de um, a idade do outro, e diga o mínimo possível que é por falta de obediência [...]. É preciso ter um coração largo; grandes planos são feitos apenas pela paciência e pela duração do tempo; coisas que crescem num dia perdem-se num outro (SALES, 1902. p. 337-339).

É ao modo de sugestão, persuasão, inspiração. É o método de investimento, de circunvolução lenta, preferido ao do assalto direto, que num só golpe pode subjugar uma pessoa, mas também colocá-la em revolta. Assim, multiplica os apelos à colaboração que transferem a responsabilidade pela vontade do acompanhado. Francisco de Sales quer deixar ao acompanhado com a sensação de que ele escolhe as suas ações. Tendo o sentimento de escolha, ele tem o benefício disso. A vontade é impregnada pela repetição de atos que lhe parecem vir e que vêm na verdade, uma vez que ele acredita nisso, do seu próprio coração. Assim, a decisão inspirada, sugerida, não imposta do exterior por uma ordem do acompanhador, é duplamente benéfica.

Em conclusão, todos os caminhos secretos que conduzem ao âmago central do coração humano eram conhecidos de Francisco de Sales. A pedagogia salesiana encontra as principais linhas de um método absolutamente respeitoso da dignidade humana. Exige que a obediência seja inteligente e ativa, que o acompanhado compreenda a orientação proposta e, tendo-o descoberto de alguma forma, aplicá-la a si próprio, tendo sempre em conta as circunstâncias exatas da vida.

#### **4 O ACOMPANHAMENTO SALESIANO PROPRIAMENTE DITO**

A seção anterior mostrou-nos que Francisco de Sales foi um guia que teve o cuidado de não impor a sua autoridade por coerção direta. Vimo-lo procurar e recomendar formas indiretas de persuadir os seus ensinamentos nos corações mansamente. Sabiamente respeitosa da liberdade, muito moderadamente intervencionista, deixa um vasto campo para a atividade pessoal do seu acompanhado (COSTA, 2015, pp. 6-7). A autoridade espiritual atua sobre as pessoas de formas diferentes em fases



diferentes do seu desenvolvimento espiritual. Não aplica fórmulas gerais e abstratas de longe. É exercida sobre indivíduos, não sobre categorias. Esforça-se por apreender a qualidade particular ou dons das pessoas acompanhadas a fim de conformar a sua ação com elas. Numa palavra, adapta-se e segue um caminho progressivo na fé.

O bispo de Genebra age sobre as pessoas acompanhadas apenas para as ajudar a tornarem-se aquilo que deveriam ser por natureza e vocação do Alto. Ele não tem um método único e imutável para as levar à perfeição cristã. Pelo contrário, trabalha sobre um dado duplo: sobre o temperamento natural do seu acompanhado e sobre o seu ser natural modificado pela graça e as inspirações recebidas do céu. O acompanhador salesiano baseia a sua iniciativa tanto na de Deus como na dos acompanhados.

O acompanhamento salesiano é maiêutico. Ajuda a dar à luz, ajuda a crescer o desejo de amar que é a raiz da perfeição cristã, mas nunca se comporta como se tivesse a pretensão de o criar. Não empreende nada em nome de Deus. Portanto, o acompanhador espiritual nunca esquece que o ponto de partida da perfeição cristã é a fé, que é de Deus, o desejo de santidade, que é também de Deus. Portanto, Francisco de Sales ouve primeiro esta misteriosa germinação do Espírito de Deus que tem origem no coração das pessoas. A vida interior de Filoteia, sob o seu olhar, é uma criação contínua, uma criação que é simplesmente supervisionada, protegida e assistida.

O primeiro dever do acompanhador é fazer um registro espiritual do seu acompanhado, tal como o médico faz para o seu paciente. Em outro termos, é ouvir as vozes interiores que constantemente aparecem nele. Mais precisamente, é estabelecer o seu tratamento tendo rigorosamente em conta estas informações do coração humano<sup>2</sup>. A teologia espiritual do bispo de Genebra sobre este importante assunto é, pode-se dizer, resumida e condensada num belo capítulo da “Introdução”, o décimo oitavo da segunda parte. É possível ver nestas páginas eminentemente salesianas quão grande foi a sua fé nas inspirações individuais e quão cuidadosamente regulamentou a sua ação pessoal sobre elas. A inspiração espiritual, segundo Francisco de Sales, pode ser descrita da seguinte forma:

Damos o nome de inspirações a todos os atrativos, movimentos, censuras e remorsos interiores, luzes e conhecimentos que Deus em nós desperta, acalentando o nosso coração com as suas bênçãos e com o seu desvelo e amor paternal, a fim de nos acordar, estimular, impelir e atrair às santas virtudes, ao amor celeste, às boas resoluções, numa palavra, a tudo o que nos encaminha para o nosso bem eterno. [...] Resolve-te, Filoteia, a aceitar de bom grado todas as inspirações que a Deus aprouver mandar-te; e, quando elas chegarem, recebe-as como a embaixadores do Rei celestial, que deseja tratar casamento contigo. Ouve com gosto as suas propostas, atenta no amor com que és inspirada, e acalenta amavelmente a santa inspiração, porque desta maneira Deus, a quem não podes obrigar, se considerará muito obrigado e grato pelo teu afeto. Mas antes de consentir e abraçar as inspirações das coisas importantes ou extraordinárias, para não seres enganada, pede conselho ao teu orientador, a fim de que ele examine se a inspiração é verdadeira ou falsa, uma vez que o inimigo, vendo uma alma pronta a consentir nas inspirações, lhe impõe muitas vezes algumas falsas, no intuito de a enganar, o que nunca consegue, se com humildade ela obedecer ao seu orientador (SALES, 1893. pp. 108-111).

<sup>2</sup> Trata-se do discernimento dos espíritos, um exercício a ser feito diariamente no itinerário espiritual, e missão do acompanhador espiritual.



Nesta distribuição de atribuições, Francisco de Sales deixa a iniciativa primária a Deus. O acompanhado reporta o seu estado interior ao seu pai espiritual e o acompanhador intervém, em terceiro lugar, para aprovar ou para desacreditar. Dessa forma, as ações de Deus e a resposta humana são assim perfeitamente garantidos. Portanto, O bispo de Genebra atribui um papel considerável às luzes interiores, mas dá-lhes a indispensável restrição no acompanhamento espiritual.

Dessa maneira, Francisco de Sales adapta o seu acompanhamento espiritual ao temperamento do seu acompanhado, observando as particularidades da pessoa humana. Ele tem o sentimento mais aguçado da diversidade e complexidade das pessoas. Uma pessoa é para ele todo um universo<sup>3</sup>. Esforça-se por defini-la de modo a estar em conformidade com ela. As consciências não têm, a seu ver, uma formação inicial idêntica. Cada um apresenta-se com um capital diferente de hábitos herdados ou adquiridos, dos quais é precisa saber antes de qualquer outra coisa.

Infinidamente diferentes uns dos outros, os humanos empreendem a busca espiritual, cada um com um potencial moral, um dinamismo espiritual variável do qual é essencial que o acompanhador faça um balanço. Francisco de Sales tem o cuidado de não esquecer esta operação preliminar. Falando das candidatas à vida religiosa do Mosteiro da Visitação, afirma que “algumas terão sido educadas mal e são pouco civilizadas, serão de natural agreste e grosseiro. Não há dúvida que estas hão de ter mais trabalho e dificuldades do que as que são de natural mais brando e tratável, e estarão mais sujeitas a cometer faltas do que outras mais bem educadas” (SALES, 1895, p. 326).

Dessa maneira, indivíduos ou comunidades, todos aqueles que ele acompanha, são convidados a florescer de acordo com sua natureza, sua condição e seu ambiente. O bispo de Genebra escreveu, de fato, a uma de suas filhas espirituais: “Não deseje não ser o que é, mas deseje ser muito bem o que é.” (SALES, 1904, p. 291). No entanto, para que cada um seja plenamente o que é, é preciso ter cuidado para não introduzir em seu ser espiritual os elementos que lhe são estranhos, com mais razão dos elementos que são incompatíveis com sua natureza.

É importante, ao contrário, crescer a partir de dentro, tomando-o como é, no ponto em que está oferecendo-lhe apenas o que lhe é idêntico e assimilável. Por conseguinte, para Francisco de Sales:

Não estamos habituados a alimentar as crianças pequenas com outra coisa que não leite, e quando elas crescem e começam a ter dentes, damos-lhes pão e manteiga. [...] Os superiores e aqueles que são elevados à orientação das almas deveriam imitar especialmente os Anjos nesta doçura e apoio do seu próximo, conduzindo-os, elevando-os e tratando-os com grande caridade de acordo com a capacidade do seu espírito [...] (SALES, 1897, pp. 110-111).

Quanto mais avançou na vida, mais o bispo de Genebra apoiou e enfatizou este grande tema de adaptação. Assim, esta submissão do acompanhador espiritual ao temperamento do seu acompanhado,

---

<sup>3</sup> Ver Francisco de Sales. **Tratado do Amor de Deus**: “O homem é a perfeição do universo, o espírito a perfeição do homem, o amor a do espírito e a caridade a do amor: por isso o amor de Deus é o fim, a perfeição, a excelência do universo” (SALES, 1894b, p. 165).



esta atenção em tratar cada um “de acordo com a capacidade do seu espírito”, considera que o ser humano é um ser aberto ao mundo, aos outros e a Deus. Assim, “Deus, na criação do mundo, mandou as plantas que produzissem frutos, cada uma segundo a sua espécie; e assim também manda aos cristãos, que são as plantas vivas da sua Igreja, que produzam frutos de devoção, cada um segundo a sua vocação e estado” (SALES, 1893, p. 20).

Para Francisco de Sales, o problema reduz-se, portanto, a formar o cristão sobre o humano. O santo, como ele quer que ele seja, é uma extensão do humano. Assim, observa que “[...] o nosso único desígnio foi sermos bons, devotos, homens piedosos, mulheres piedosas, [...]. E, se a Deus aprouver levar-nos até estas perfeições angélicas, também seremos bons Anjos. [...] Acontece por vezes que aqueles que julgam ser Anjos, nem sequer são bons homens, [...]” (SALES, 1893, 131-132).

## **5 AFETIVIDADE COMO MOTOR DO ITINERÁRIO ESPIRITUAL**

O amor, como um impulso para agir de acordo com a vontade de Deus, é o fundamento e o termo da perfeição cristã. Mas este amor não é um talismã que nos confere automática e imediatamente a santidade. É, tal como os seres vivos, sujeito ao crescimento. Tem de nascer, crescer e fortalecer-se até se tornar um hábito permanente, uma capacidade de agir “com prontidão e complacência” (SALES, 1893, p. 16). Assim, afirma o bispo de Genebra que cada humano tem a inclinação natural para amar a Deus (SALES, 1894a, p. 77). A graça aparece e dá-lhe o poder para o fazer. Com estas duas forças, cada um de nós pode adquirir aquela constante flexibilidade de vontade na busca da santidade cristã. Portanto, existe uma pedagogia, uma educação do amor que tem o seu próprio caminho.

Nesta educação, o essencial para o acompanhador salesiano não é apresentar ao espírito do seu acompanhado as razões para amar a Deus, os motivos para praticar a virtude cristã, mas apresentar estas razões e motivos de tal forma que o coração se emociona e a vontade se move para a ação. Assim, amar é querer e agir, ou seja, é uma decisão. Foi para provocar este movimento fértil de emoção que o vibrante e sensível bispo de Genebra trabalhou instintivamente através de mil indústrias santas: “Não me lembro que Nosso Senhor nos ordenou que curássemos a cabeça da filha de Sião, mas apenas o seu coração. Não, sem dúvida, nunca disse: Fala à cabeça de Jerusalém, mas sim: Fala ao coração de Jerusalém (cf. Is 11,2)” (SALES, 1902, p. 81).

Dessa forma, dá sensibilidade ao seu papel, e uma parte muito grande, na formação de si mesmo. Francisco de Sales disse, com efeito, que nunca devemos esquecer: “se um homem sabe que é amado por quem quer que seja, é forçado a amar reciprocamente” (SALES, 1894b, p. 33). Este princípio da psicologia humana ele aplica a Deus. Faz dela o ponto de partida e o eixo de toda a sua pedagogia afetiva. Francisco de Sales questiona que “[...] sabendo que Jesus Cristo, verdadeiro Deus eterno, onipotente, nos amou até querer sofrer por nós a morte, e morte de cruz, [...] isto não é ter os nossos corações sob o lagar, e senti-los premer à força [...]?” (SALES, 1894b, p. 33). Portanto,



convencido de que estamos infalivelmente sensibilizados com a simpatia por aqueles que nos amam, ele tenta fazer-nos sentir - e não apenas compreender - que somos amados por Deus.

Ele tenta fazer isto nos últimos capítulos da “Introdução”, que são tão expressivamente intitulados: “Do amor que Jesus Cristo nos tem” e “Do amor eterno de Deus para conosco”, e que são como uma derradeira tentativa de levar Filoteia à santidade:

Olha, minha Filoteia, é certo que o coração do nosso querido Jesus via o teu da árvore da cruz, e o amava; e por este amor obtinha-lhe todos os bens, que possuis e possuirás, entre eles estas resoluções; sim, cara Filoteia, nós podemos dizer todos como Jeremias: ‘Ó Senhor, antes que eu existisse, já me olhavas, e me chamavas pelo meu nome’; pois que na verdade a sua divina bondade, em seu amor e misericórdia, preparou todos os meios gerais e particulares da nossa salvação, e por conseguinte as nossas resoluções. Sim, sem dúvida, como uma mulher grávida prepara o berço, os panos e mantilhas, e até uma ama de leite para o menino que espera ter, embora ele ainda não esteja no mundo; assim Nosso Senhor, tendo-te no seio da sua bondade, pretendendo dar-te a luz para a salvação, e para tornar-te filha sua, preparou na árvore da cruz quanto te era preciso: o teu berço espiritual, as tuas faixas e mantilhas, a tua ama de leite, com tudo o que necessitavas para a tua bem-aventurança. [...] Meu Deus, como nós devíamos gravar isto profundamente na nossa memória: é possível que eu tenha sido amado e tão docemente amado pelo meu Salvador, que pensasse de modo particular em mim, até em todos estes pequenos acontecimentos pelos quais me atraíu a si? E quanto pois devemos amar, estimar, e empregar tudo isto em nosso proveito? Isto é deveras consolador: este coração amável do meu Deus pensava em Filoteia, amava-a e procurava-lhe mil meios de salvação, tanto como não tivesse no mundo outra alma em que pensar, [...] SALES, 1893, p. 358).

Observa-se que o Deus de quem Francisco de Sales fala com tanto afeto não é o Deus distante da metafísica. Não é o Deus do espírito puro, é o Deus feito homem, o Deus do presépio e de Nazaré, Jesus Cristo considerado no seu corpo de carne. Com o temperamento pelo qual o conhecemos, alimentado como ele era pela tradição teresiana, não era um homem para se privar e aos seus acompanhados da bela fonte de emoção santa que a contemplação de Jesus-Homem nos seus mistérios terrestres. Santa Teresa de Jesus, de quem ele se chamava de bom grado “devoto” (SALES, 1904, p. 118)<sup>4</sup>, o ensinara a manter sempre os olhos na humanidade de Jesus<sup>5</sup>. Assim, o bispo de Genebra vincula-se espontaneamente à grande tradição dos dois séculos anteriores, especialmente à tradição espanhola e italiana, e vê Deus de preferência na pessoa humanizada de Jesus<sup>6</sup>.

Considerando por essa ótica, Francisco de Sales insere na concepção de um Deus de Amor. O desejo de amar é, pois, o ponto de partida. Dessa forma, desejar amar já é comprometer-se com o amor. O desejo de amar é a raiz da santidade cristã e a sua primeira condição. Agora, este desejo, embora

<sup>4</sup> Segundo Bord (1994, p. 53), Francisco de Sales tinha diante de si não só o retrato de Teresa, mas também, abertamente, o “Castelo interior”, especialmente para escrever os livros VI e VII do “Tratado sobre o Amor de Deus”.

<sup>5</sup> Ver Teresa de Jesus. Livro da Vida. Capítulo XXII. In.: Teresa de Jesus (Santa). **Obras Completas**. 2. ed. Aveiro: Edições “Carmelo”, 1978. pp. 171-183.

<sup>6</sup> Segundo Galilea exprime bem a influência do bispo de Genebra na espiritualidade latino-americana: “[...] seria mister mencionar também correntes de espiritualidade que tiveram uma influência mais ou menos explícita em nosso continente. Aquele que se originou, por exemplo, com São Francisco de Sales, cujas obras (‘Introdução à vida devota’, ‘Tratado do Amor de Deus’) foram muito lidas pelas gerações passadas. O humanismo que as caracteriza tem influências inicianas, e sua doutrina sobre a oração e o amor tem raízes confessadamente teresianas. A influência da Santa de Ávila é notória nestas obras” (GALILEA, 1984, p. 15).



ninguém tenha o poder de o criar em nós exceto Deus, um acompanhador espiritual ajuda-o a florescer e a crescer. O bom acompanhador condiciona em seu acompanhado movimentos de atenção e simpatia para com Deus e o bem que outros possam reconhecer nele.

A vida da santidade é uma terra fascinante onde se encontra o comércio mais amável. É verdadeiramente, a Terra Prometida:

os que desanimavam os israelitas para que não entrassem na Terra Prometida, diziam-lhes que era país que devorava os seus habitantes, [...]. Também o mundo, [...], difama tanto quanto pode a santa devoção, pintando as pessoas devotas com um semblante fechado, triste e melancólico, espalhando que a devoção acarreta humores hipocondríacos e intoleráveis. Mas como Josué e Caleb protestavam que não somente a Terra Prometida era boa e formosa, mas que até seria doce e agradável a sua posse, assim também o Espírito Santo pela boca de todos os Santos, e Nosso Senhor pela sua mesma, nos assegura que a vida devota é uma vida doce, ditosa e amável (SALES, 1893, pp. 16-17).

Assim, para dar impulso ao desejo ou para evitar que ele pereça assim que é despertado, Francisco de Sales alia-se a um dos sentimentos mais imperiosos do coração humano: o seu apetite pela felicidade. Nesse sentido, o bispo de Genebra considera necessário ensinar a virtude com prazer, a fim de tornar as abordagens à vida de santidade “agradáveis” e “docemente florescentes”. Logo na primeira página da “Introdução”, para guiar os primeiros passos na santidade, vem Glicera, a amável florista, que, com flores na mão, nos promete a mais deliciosa das viagens através dos bosques perfumados da virtude cristã (cf. SALES, 1893, p. 6). Desde o início, estamos longe da nudez austera imposta pelos grandes livros ascéticos do passado: “O Combate Espiritual” de Lorenzo Scupoli, e mesmo a “Imitação” de Tomás de Kempis. Assim expressa Francisco de Sales:

A admiração das coisas agradáveis prende e cola fortemente o espírito à coisa admirada, tanto em razão da excelência da beleza que ela lhe descobre como em razão da novidade dessa excelência, não podendo o entendimento saciar-se bastante de ver o que ainda não viu e que é tão agradável de ver (SALES, 1894b, p. 21-22).

Este é o princípio orientador. A consequência para o educador espiritual deve ser que ele deve esforçar-se por satisfazer o apetite natural que cada humano tem por novidade. Portanto, o santo de Annecy não se enganou quando escreveu muito bem no Prefácio da “Introdução”:

Era a jardineira Glicera tão hábil e de tão apurado gosto, que, com uma só espécie de flores, diversamente combinadas e dispostas, conseguia fazer grande variedade de ramos, [...]. Assim, o divino Espírito Santo ordena com tanta variedade as lições de devoção que nos dá por meio de palavras e escritos dos seus servos, que, embora a doutrina seja sempre a mesma, contudo os discursos são em extremo diversos, consoante as várias formas porque estão compostos. A dizer a verdade, eu não posso, nem quero, nem devo escrever nesta Introdução senão o que sobre a matéria deixaram publicado os meus predecessores. Por isso, as flores que te apresento, leitor meu, são as mesmas; mas será bem diferente dos outros o ramalhete que eu fiz, e isto a conta da diversa maneira como as flores vão dispostas e ajeitadas (SALES, 1893, pp. 5-6).



Por intuição de um pedagogo, Francisco de Sales, seguindo o exemplo da jardineira Glicera, disse que era necessário manter o seu leitor em expectativa. Assim, na orientação espiritual, o acompanhador que só pode ser escolhido de entre mil ou dez mil, deve ajustar o seu vocabulário e a seu acento às exigências legítimas do gosto do público e aos próprios preconceitos de cada época. Portanto, o acompanhador espiritual é uma relação de ajuda indispensável para o crescimento humano e espiritual do acompanhado contemporâneo rumo ao amor de Deus.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O acompanhamento espiritual de Francisco de Sales, praticado por Francisco de Sales, tem provado, como a história mostra, ser maravilhosamente eficaz (COSTA, 2015, p. 8). No acompanhamento salesiano, pode-se adquirir, se não a prodigiosa penetração psicológica, pelo menos algo da flexibilidade e destreza no acompanhamento espiritual das pessoas.

É um clássico da espiritualidade, não por ter inventado algum sistema novo, alguma forma original da busca da santidade, mas por ter buscado na tradição da espiritualidade mística cristã. Francisco de Sales sintetizou os elementos do acompanhamento espiritual reunindo, filtrando e condensando o que quinze séculos de literatura espiritual, por vezes de forma confusa. O seu papel é realmente o que atribuiu a si próprio: fez o trabalho de Glicera, o trabalho das abelhas, transpôs, organizou e diversificou riquezas que ainda eram mal coordenadas. Ele não se vangloriou quando escreveu a uma leiga para fortalecer a sua determinação: “E não só para os preservar, mas também para os fazer crescer felizes, não precisa de outros conselhos para além dos que dei à Filoteia” (SALES, 1911, p. 167).

O acompanhamento salesiano coloca constantemente a sensibilidade ao serviço da ação, apelando ao coração apenas para melhor educar a vontade, mas na realidade o ato por si só é valioso. Dessa forma, no acompanhamento salesiano cada ato torna-se grande, mesmo o mais humilde, desde que seja querido por Deus. Assim, Francisco de Sales escrevendo a uma das suas acompanhadas que era necessário “cingir os rins com força” para ser fiel a esta orientação:

Não deve, minha querida amiga, minha Filha, permitir que o seu espírito se olhe a si própria e retorne-se nas suas próprias inclinações; é preciso voltar os seus olhos para o bel-prazer de Deus e para a sua providência. Não se deve distrair falando quando se tem de correr [...]. Cingir os rins com força e encher o coração de coragem, e depois dizer: Farei o meu melhor (SALES, 1911, p. 72).

Por outro lado, o acompanhamento espiritual de Francisco de Sales é geralmente condescendente e cordial. Um princípio domina todo o seu acompanhamento espiritual: o acompanhador salesiano deve adaptar-se a cada pessoa e falar-lhe constantemente no tom que melhor lhe convier. De fato, não há nenhum modo salesiano. Teoricamente, há tantos modos como há pessoas,



ou, se quisermos absolutamente que haja um, este modo chama-se: flexibilidade, elasticidade, conformidade com as coisas, circunstâncias e tempos.

A espiritualidade salesiana é uma fonte de água viva, porque fez uma máxima conciliação entre a mais alta mística e a razão. Para Francisco de Sales, “todas as virtudes são virtudes pela conveniência ou conformidade que têm com a razão” (SALES, 1894b, p. 258). Por isso, é preciso servir a Deus: “de boa-fé, sem subterfúgios e sutilezas, à maneira deste mundo onde a perfeição não reside; à maneira humana e de acordo com os tempos, enquanto esperamos um dia para o fazer à maneira divina e angélica e de acordo com a eternidade” (SALES, 1902, p. 165). O acompanhado salesiano, formado em uma bela eúritmia geral da alma e do corpo, caminha com simplicidade sobre a terra e não se entrega inoportunamente ao ridículo de ser angelical.

Por fim, em Francisco de Sales, elementos de todas as grandes tradições espirituais do passado cristão são harmoniosamente combinados numa síntese magnífica. Como abelha, fez do seu mel todas estas riquezas e legou-nos um acompanhamento espiritual para os dias de hoje (COSTA, 2015, p. 6).



## REFERÊNCIAS

BORD, André. L'Influence de Jean de la Croix sur François de Sales et Jeanne de Chantal. In: COLLOQUE INTERNATIONAL DE METZ, 1., 1992, Metz. L'univers salésien. Saint François de Sales hier et aujourd'hui. Paris: Université de Metz, 1994. p. 51-64.

COSTA, Ana. S. Francisco de Sales: director espiritual. 2015. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13830.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2022.

GALILEA, Segundo. As raízes da espiritualidade latino-americana: os místicos ibéricos. 2 ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1984. 101 p.

LAJEUNIE, E. J.. Saint François de Sales: l'homme, la pensée, l'action. Paris: Éditions Guy Victor, 1966. 490 p. (2 Vol.).

SALES, Saint François de. Oeuvres. Edition complète, publiée par Dom B. Mackey. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1893. 205 p. (Tome III).

\_\_\_\_\_. Oeuvres. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1894a. 396 p. (Tome IV).

\_\_\_\_\_. Oeuvres. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1894b. 510 p. (Tome V).

\_\_\_\_\_. Oeuvres. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1895. 479 p. (Tome VI).

\_\_\_\_\_. Oeuvres. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1902. 522 p. (Tome XII).

\_\_\_\_\_. Oeuvres. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1904. 462 p. (Tome XIII).

\_\_\_\_\_. Oeuvres. Annecy: Imprimerie J. Niérat, 1911. 479 p. (Tome XVII).

SCATTIGNO, Anna. De dois, um só coração. In.: FIROLAMO, G..Storia della Direzione Spirituale – Età moderna. A cura di Gabriella Zarri. Morcelliana, Brescia 2008.

STRUS, Joseph. Direção espiritual. In: ANCILLI, Ermanno; TERESIANUN, Pontifício Instituto de Espiritualidade (org.). Dicionário de Espiritualidade. São Paulo: Edições Loyola; Paulinas, 2012. p. 767-779.

TERESA DE JESUS (Santa). Obras Completas. 2. ed. Aveiro: Edições "Carmelo", 1978. 1407 p.

TIETZ, Manfred. Le directeur spirituel, "cet ami fidèle qui guide nos actions". Amitié ou direction, selon Montaigne, François de Sales et Jean-Pierre Camus. In. : Foi, Fidélité, Amitié En Europe À La Période Moderne, [S.L.], p. 529-538, 1995. Presses universitaires François- Rabelais. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4000/books.pufr.19543>. Acesso em: 27 ago 2022.